

De um labirinto se sai por cima: reflexões sobre democracia e socialismo

One emerges from a labyrinth on top: reflections on democracy and socialism

José Henrique Galdino*

Resenha do livro “Gramsci e a Democracia Radical: elementos para a construção de uma sociedade (auto) regulada”, de Douglas Ribeiro Barboza.

Review of the book “*Gramsci and Radical Democracy: Elements for the Construction of a (Self-)Regulated Society*”, by Douglas Ribeiro Barboza.

RESUMO

Esta resenha tem como objetivo compreender como a questão da democracia permeia a reconstrução do marxismo empreendida por Antonio Gramsci, especialmente após os impasses da Segunda e Terceira Internacionais Socialistas. Partindo da leitura do livro de Douglas Barboza, propomos uma análise dos limites e possibilidades de uma sociedade autorregulada, resgatando o legado revolucionário de Gramsci e a sua relevância para o enfrentamento dos desafios contemporâneos. O rigor teórico com o qual o autor rege seu trabalho apresenta não apenas a conceituação de democracia, mas também os fundamentos essenciais para a luta radicalmente democrática. Além disso, investigamos no arcabouço teórico gramsciano temas como hegemonia, sociedade civil, Estado e democracia.

Palavras-chave: democracia; sociedade civil; hegemonia; Antonio Gramsci.

ABSTRACT

This review aims to explore how the issue of democracy permeates the reconstruction of Marxism undertaken by Antonio Gramsci, particularly in light of the challenges faced by the Second and Third Socialist Internationals. Based on Douglas Barboza's book, we propose an analysis of the limits and possibilities of a self-regulated society, while reclaiming Gramsci's revolutionary legacy and its relevance for addressing contemporary challenges. The theoretical rigor with which the author conducts his work not only presents the conceptualization of democracy but also lays out the essential foundations for a radically democratic struggle. Furthermore, we delve into Gramsci's theoretical framework, examining key themes such as hegemony, civil society, the state, and democracy.

Keywords: democracy; civil society; hegemony; Antonio Gramsci.

RESENHA

<https://doi.org/10.12957/rep.2025.94201>

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro – RJ, Brasil. E-mail: galdinohenrique03@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4396-6529>.

Como citar: GALDINO, J. H. De um labirinto se sai por cima: reflexões sobre democracia e socialismo.

Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea, Rio de Janeiro, v. 23, n. 60, pp. 241-245, set./dez., 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.12957>.

Recebido em 18 de março de 2025.

Aprovado para publicação em 13 de agosto de 2025.



© 2025 A Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Uma das partes mais importantes de um texto é o seu contexto. Desde a luta contra a ditadura militar no final do século XX, os movimentos de esquerda no Brasil foram ideologicamente moldados pelo confronto entre *autoritarismo* e *democracia*. O enfrentamento direto ao bloco burguês-militar desviou-se para uma oposição à sua gestão totalitária, encobrindo o caráter de classe dos movimentos populares e abafando suas organizações mais combativas – vistas, inclusive, como anacrônicas e/ou antidemocráticas. Interpretações reformistas das obras de Antonio Gramsci contribuíram nesse contexto. Parte dos intelectuais passaram a debater a “ocidentalização” do Brasil, considerando uma dominação cada vez mais fundamentada no consenso, em vez da coerção. As estratégias eurocomunistas identificavam na “via democrática” o caminho mais viável para a construção do socialismo. Com isso, passamos a criticar abstratamente o autoritarismo, a exaltar abstratamente a democracia, e nos esquecemos concretamente da luta de classes.

Nessa conjuntura, um grito forte e coletivo foi transformado em murmúrios que ecoam sutilmente em um labirinto sem saída. Esse labirinto é o da democracia liberal, enraizada na sociedade civil como o estágio final do horizonte civilizatório. De lá para cá, sob o manto ilusório do regime democrático, as classes dominantes estenderam os limites da sua supremacia. Alinhou-se uma concentração descomunal de riquezas e produção da barbárie com uma crise dos movimentos de esquerda na disputa pela direção intelectual e moral da sociedade.

Quatro décadas após o término da ditadura militar, a tirania burguesa ainda permeia o cenário político brasileiro. A conspiração golpista, abertamente articulada pela extrema direita, resgata e reacende pautas fascistas que marcaram um dos capítulos mais brutais da história da humanidade. Mais uma vez, a história se repete como farsa. A ostensividade antidemocrática não é uma exclusividade do Brasil, nem tampouco, como bem sabemos, um fato inédito no país, mas a estratégia política de enfrentamento figura-se de forma quase inalterada: uma defesa ampla e acrítica da democracia. Ignoram-se, assim, as classes sociais, o modelo econômico vigente e a própria essência do Estado.

No âmbito da luta de classes, a disputa pela construção de uma sociedade verdadeiramente democrática está, também, na própria definição da *democracia*. E nessa batalha, nós, da classe trabalhadora, fomos municiados pelo livro *Gramsci e a Democracia Radical: elementos para a construção de uma sociedade (auto)regulada*, escrito por Douglas Ribeiro Barboza e publicado em 2024 pela Editora Navegando. A obra é resultado de uma destacada trajetória acadêmica do autor, construída em grande parte no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGSS – UERJ). O tema da democracia figura como objeto central de sua pesquisa.

Dividido em quatro capítulos, o livro tem como objetivo explorar como a questão da democracia perpassa o processo de reconstrução do marxismo realizado por Antonio Gramsci

após a desestruturação da Segunda Internacional e o fracasso estratégico da Terceira. Na obra, Douglas examina os limites e as possibilidades para uma sociedade autorregulada, traçando um panorama que nos leva a refletir sobre o verdadeiro legado de Gramsci e a sua relevância para interpretarmos os desafios contemporâneos. Noutros termos, o livro nos auxilia a enfrentar a pobreza analítica sobre o tema da democracia, fortalecendo análises concretas da realidade e servindo como base para uma ação política alinhada aos interesses da classe trabalhadora – no caminho, resgatando Gramsci como pensador radicalmente revolucionário.

Há, nesse debate, uma controvérsia central: “[...] o pensamento marxiano, além de ser essencialmente revolucionário, é fundamentalmente democrático” (Barboza, 2022, p. 36), contudo, “durante o século XX, nas chamadas ‘sociedades democráticas’ [...] milhares de homens e mulheres, cientistas sociais ou não, foram perseguidos, presos, torturados, desterrados e até mesmo assassinados por serem marxistas” (Netto, 2011, p. 10). Tal contradição expõe diferenças conceituais sobre democracia. Temos, de um lado, sua definição clássica, com participação política e exercício de poder de amplos setores sociais, e do outro, a classificada por Douglas Barboza (2014) como “vulgar”, fruto da banalização promovida pelos liberais, que reduziram a democracia ao sufrágio universal, representatividade e divisão de poderes. A concepção vulgar de uma sociedade democrática reduz as conquistas populares a um limitado arcabouço estatal, excluindo do campo político as condições concretas de produção da própria existência e as relações de poder que delas se originam. Portanto, a defesa da democracia como estratégia política exige o enfrentamento das vulgatas realizadas pelos propagandistas das ordens do capital.

Nessa relação entre texto e contexto, o livro de Douglas Barboza, alicerçado na teoria social crítica, oferece as ferramentas indispensáveis para distinguirmos o imaginário do concreto, a aparência da essência, e constataremos a incompatibilidade estrutural entre democracia e capitalismo. Não há igualitarismo político e soberania popular diante do monopólio dos meios de produção e de subsistência, da exploração, da expropriação e da reificação que perpetuam as desigualdades. O rigor teórico com o qual o autor rege seu trabalho apresenta não apenas a conceituação de democracia, mas também os fundamentos essenciais para a luta radicalmente democrática.

No primeiro capítulo, intitulado *A questão da luta “democrática” e das bases para o novo operário nas reflexões pré-carcerárias*, Douglas desenvolve a análise sobre a concepção democrática de Antonio Gramsci, com foco na fase inicial da trajetória intelectual e política do autor. Sem fugir das polêmicas, Douglas Barboza contesta as interpretações reformistas da obra gramsciana, que sugerem uma cisão entre os escritos pré-encarceramento e os *Cadernos do Cárcere*. Essas leituras caracterizam os textos iniciais como mais revolucionários e imaturos, enquanto atribuíam aos escritos da prisão um Gramsci supostamente mais amadurecido, moderado e “democrático”. Há, ao contrário, uma espécie de espinha-dorsal que conecta a juventude teórica de Gramsci ao período de sua prisão. Já nos

textos anteriores ao cárcere – baseados sobretudo na experiência italiana –, encontramos elementos fundamentais da conceituação de democracia e as estratégias que visavam a emancipação proletária por meio da democratização do poder e da cultura.

As análises descritas acima se complementam com as do capítulo *A construção de um novo bloco histórico e a necessidade da efetiva democratização do poder: os apontamentos carcerários*, o segundo do livro. Nessa parte, Douglas Barboza aprofunda as reflexões de Gramsci durante o período de encarceramento. Os *Cadernos do Cárcere* forneceram enorme renovação na teoria social crítica para resgatar um marxismo ativo na sociedade – nos concedendo importantes instrumentais teórico-metodológicos para rebater um suposto mecanicismo e dogmatismo que caracterizavam a divulgação do marxismo após a Terceira Internacional Socialista. Durante a leitura deste segundo capítulo, temos a oportunidade de explorar a relação dialética entre a estrutura econômica e a superestrutura política e cultural. O texto destaca a necessidade da criação de um projeto hegemônico alternativo ao capitalismo para a construção de um novo bloco histórico.

No terceiro capítulo, nomeado *A relevância do conceito de hegemonia para uma significação mais realista e concreta da democracia e o advento de uma “sociedade [auto]regulada”*, o autor mergulha nos debates sobre hegemonia e sociedade civil – chaves heurísticas na teoria gramsciana –, explorando suas relações para a construção de uma democracia verdadeiramente radical. Há, nessa parte, um destaque ao papel dos movimentos populares. A crescente organização política da classe trabalhadora fez com que a burguesia desenvolvesse seus métodos de perpetuação da ordem indo além apenas da violência – mas sem jamais abrir mão dela. Dentro do Estado, passou a outorgar algumas demandas dos proletários, fora dele, intensificou a instituição de aparelhos privados de hegemonia para disputar a consciência dos trabalhadores. O Estado assume, portanto, uma dimensão também educadora, pois realiza atividades doutrinárias difundindo formas de pensamento alinhadas aos interesses da burguesia. Douglas Barboza apresenta também a indispensabilidade do conceito de hegemonia para a superação da democracia vulgar.

No último capítulo, intitulado *A associação entre socialismo e democracia nos marxistas da escola gramsciana: breves notas sobre as lições de Palmiro Togliatti e Pietro Ingrao*, podemos aprofundar nossos olhares sobre as contribuições dos marxistas da escola gramsciana, explorando o papel que desempenharam no debate sobre a relação entre socialismo e democracia. Em um primeiro momento, a análise lança luz sobre o conceito de “democracia progressiva” formulado por Palmiro Togliatti, destacando o protagonismo dos movimentos populares para expandir as experiências democráticas no contexto capitalista – ampliando, assim, a influência socialista. Logo em seguida, Douglas nos apresenta a proposta de Pietro Ingrao sobre a “democracia das massas”, que dá ênfase à integração contínua dos movimentos populares na transformação do Estado. O capítulo se encer-

ra com uma crítica bem fundamentada às estratégias eurocomunistas para o socialismo, apontando os limites teóricos e políticos da chamada “via democrática”.

O livro de Douglas Barboza nos permite caminhar por temas complexos da teoria gramsciana com os saltos de uma leitura leve, fluida e convidativa. Oferece gratuitamente aportes indispensáveis tanto para iniciantes na obra de Antonio Gramsci, como para aqueles que dedicaram suas trajetórias acadêmicas ao aprofundamento nos estudos do marxista italiano. É de se destacar não só as abordagens didáticas, mas, principalmente, a de natureza analítica do trabalho. O forte embasamento historiográfico confere rigor às reflexões, permitindo que as categorias sejam desenvolvidas distantes de qualquer teorismo abstrato, e sim ancoradas em *análises concretas de situações concretas*.

Por fim, o livro ressalta como as reflexões de Antonio Gramsci constituem uma base teórica indispensável para a compreensão das contradições contemporâneas, sobretudo as que envolvem a disputa por uma sociedade radicalmente democrática. Os ventos não estão favoráveis. A burguesia, diante da crise que se instaura, começa a explicitar seu autoritarismo, enquanto a classe trabalhadora ainda está presa nos labirintos da democracia liberal. Não se constrói democracia com meras reformas políticas e econômicas. São necessárias transformações culturais que confrontem as bases do capitalismo. Nesse contexto, intelectuais orgânicos, como Douglas Barboza, desempenham posição estratégica na articulação de ideias que reforçam, de maneira convicta e uníssona, que a saída de um labirinto é sempre por cima.

Referências

BARBOZA, D. R. *A construção da democracia (vulgar) no processo da revolução burguesa no Brasil*. Tese (doutorado em Serviço Social) Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BARBOZA, D. R. Entre a tempestade sangrenta e a silenciada bonança: a ‘democracia vulgar’ nos processos políticos do Brasil. *Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 50, p. 35-60, 1º sem. 2022.

BARBOZA, D. R. *Gramsci e a Democracia Radical: Elementos para a Construção da Sociedade (Auto)Regulada*. Uberlândia: Navegando Publicações, 2024.

NETTO, J. P. *Introdução ao estudo do método de Marx*. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.